

A LITERATURA DE MIA COUTO - ORALIDADE E ESCRITA: CAMINHOS

João Batista Teixeira (UEPB/PPGLI)
raiolispector@hotmail.com

Rosilda Alves Bezerra (UEPB/PPGLI/Orientadora)
rosildaalvesuepb@yahoo.com.br

A história da literatura deve ser vista, entendemos nessa plurivocidade discursiva, com relatos entrecortados, conflituosos, como matéria voltada para o antes que pode vir a ser o depois. No enovelado de linhas que se embaraçam, torna-se necessário buscar ainda intersecções e confluências com conjuntos de outros repertórios. (ABDALA JUNIOR, Benjamim, 2007, p. 36).

1. Mia Couto: Literatura, oralidade e caminhos.

A obra de Mia Couto pauta-se numa convivência com a tradição, as histórias e modos de ser dos moçambicanos, esses desfilam pelas suas narrativas caracterizando o autor em questão como sujeito comprometido com uma literatura nacional tecendo seus discursos voltados aos temas da nação, do passado colonial, da posição feminina na sociedade, das histórias dos mais velhos entre outros temas ambientados num espaço em trânsito: pois, costumes diversos e culturas também diversificadas convivem no caótico ambiente em que tradição e modernidade andam em tensões e trânsitos identitários.

Ao discutir sobre oralidade e escrita, pensamos na importância que o primeiro termo assume numa sociedade ágrafa, percebendo que a história se faz pelo registro oral para depois tornar-se cultura escrita. O escritor em questão ao fazer essa recolha da oralidade, faz na língua daquele que colonizou seu país, ao criar a partir de uma matriz linguística diferenciada dos idiomas falados em seu país, se compromete num processo de reinvenção da língua portuguesa fornecendo elementos para a compreensão do sociocultural moçambicano.

A ficção do escritor Mia Couto ressalta a memória e as histórias do povo moçambicano. Rita Chaves (2010) tece considerações sobre o contexto histórico de

Moçambique. De acordo com Chaves (2010), quando Vasco da Gama chegou a Moçambique, em 1498, deparou-se com um dos impérios mais ricos de África, o Monomotapa, que mantinha intensa troca cultural e comercial com povos de origem árabe e persa, entre muitos outros.

Assim, ao longo do século XVI, Portugal impôs controle militar sobre a região e aos poucos, o império africano entrou em declínio. O comércio de escravos tornou-se a principal atividade, sendo que em 1752, Portugal nomeou um capitão-geral para a colônia. Chaves (2010) ainda informa que, em fins do século XIX, a exploração de grande parte do território ficou a cargo de companhias privadas. Foram introduzidas as monoculturas de algodão e arroz, que até o século XX ainda empregava trabalho forçado.

A partir de 1962, foi criada a Frente para a Libertação de Moçambique, a FRELIMO. Em 1975, depois de conflitos com Portugal, o país declarou-se independente com o partido socialista FRELIMO no poder. Rita Chaves continua informando que Moçambique então passou a viver um quadro de guerra civil entre seus principais partido políticos; FRELIMO e RENAMO, Renovação Nacional Moçambicana.

No início de 1990 a população moçambicana enfrentou uma severa fome, resultado da guerra, da crise econômica e das fortes secas que assolavam o país. Diante da situação, fez-se necessária a abertura para a economia de mercado e a paz foi restabelecida em 1992.

Moçambique conta hoje, de acordo com Chaves (2010), com quase 22 milhões de habitantes, tendo como presidente Armando Emílio Guebuza. Vale salientar que na época do império Monomotapa, o idioma mais utilizado era o suaíli, com influências árabes. Atualmente, o português é a língua oficial, mas o macua, do grupo linguístico bantu, é a língua mais falada pela população. Também significativas são as línguas xichangana, elomuê, cisena. O número geral de falantes de português cresceu de 25% para 39% entre 1980 e 1997, assim como vem crescendo significativamente.

A literatura de Mia Couto recolhe nas suas histórias esses sujeitos fragmentados pelas guerras, pelo jugo colonial e pelo pós-colonialismo, retratando uma Moçambique em processo de mudança, mas em conformidade e tensão com os valores da tradição. Nas literaturas africanas de língua portuguesa, mais especificamente a literatura de Moçambique, encontramos em Mia Couto o artista da palavra do recurso

vocabular, na qual a oralidade e a escrita se mesclam, uma determinando os domínios da outra, sem perda cultural.

O escritor moçambicano em questão eleva o cotidiano das aldeias e as histórias comuns do seu povo à narrativa romanesca. Apropria-se do conto como instrumento de refração das epopeias em páginas de magia, história e ensinamentos na figura do *griot*, da criança, da natureza que empossa as falas do povo moçambicano, do rio que mais parece gente. Suas narrativas recriam a humanidade e lhe devolvem a beleza de um mundo atravessado pela colonização e que se reinventou.

Mia Couto recolhe nas suas estórias esses sujeitos fragmentados pelas guerras, pelo jugo colonial e pelo pós-colonialismo, retratando uma Moçambique em processo de mudança, mas em conformidade e tensão com os valores da tradição. Em “errâncias”, pois os sujeitos que vislumbramos inserem-se no jogo das identidades de que nos fala (Hall, 2006). As mulheres, os homens, as crianças, e os velhos na ficção de Mia Couto se imbricam em identidades, de pertença, em identidades forjadas e impostas pelo colonizador e em identidades híbridas em que os discursos são mesclados num contexto pós-colonial.

Nas literaturas africanas de língua portuguesa, mais especificamente a literatura de Moçambique, encontramos em Mia Couto o artista da palavra, numa “artesanía” do recurso vocabular, onde a oralidade e a escrita se mesclam, uma determinando os domínios da outra, sem perda cultural. O escritor moçambicano em questão eleva o cotidiano das aldeias e as histórias comuns do seu povo à narrativa romanesca. Apropria-se do conto como instrumento de refração das epopéias em páginas de magia, história e ensinamentos na figura do *griot*, da criança, da natureza que empossa as falas do povo moçambicano, do rio que mais parece gente. Suas narrativas recriam a humanidade e lhe devolvem a beleza de um mundo atravessado pela colonização que se reinventou.

Sua obra se destaca através das seguintes produções; *Raiz de Orvalho* (1983), *Vozes Anoitecidas* (1986), *Cada homem é uma raça* (1990), *Cronicando* (1991), *Estórias abensonhadas* (1994), *Contos do nascer da terra* (1997), *Mar me quer* (1998), *Na berma de nenhuma estrada e outros contos* (2001), *O fio das missangas* (2004), segue seus romances, *Terra sonâmbula* (1983), *A varanda do frangipani* (1996), *Vinte e Zinco* (1999), *O último voo do flamingo* (2000), *Um rio chamado tempo e uma casa chamada terra* (2002), *O outro pé da sereia* (2006), *Jesusalém* (2008) título da edição portuguesa e publicada no Brasil; *Antes de nascer o mundo* (2009), também *Venenos de*

Deus, remédios do diabo (2008) *A confissão da leoa* (2012), *Tradutor de chuvas* (2011), *Pensageiro frequente* (2010) entre outras.

Os caminhos nos quais a oralidade e a escrita se encontram demarcam as fronteiras culturais de uma nação (Moçambique) Pós-colonial, mas com as marcas do período colonial que resvalam na língua do que mandou tantos anos nos território geográfico e nas construções culturais de um povo que se insurge e se reinventa numa literatura de cunho e compromisso social como no caso da obra de Mia Couto.

2. Mia Couto: vozes e horizontes.

Uso a palavra para compor silêncios. Não gosto das palavras fatigadas de informar.

Manoel de Barros. O apanhador de desperdícios. In: *Memórias Inventadas* (2008, p.45)

Maria Fernanda Afonso (2004, p. 296) afirma que à semelhança do Griot tradicional que tinha como função e compromisso transmitir a palavra. Mia Couto compromete-se face à sua comunidade, fazendo emergir as vozes múltiplas da vida social. Suas histórias assumem um mote popular, pois as personagens são gente do povo e falam a língua do cotidiano.

Ainda reitera-se com base nas discussões de Afonso (2004, p.325) que o conjunto dos contos moçambicanos retrata uma África devastada pela ideologia colonial, o projeto literário caracteriza-se a partir da interrogação sobre a identidade do Africano, seguindo-se um percurso que pressupõe a dialéctica entre uma percepção de si próprio e um modo de entendimento da alteridade. O escritor assim discute com a ordem anterior (colonial) e percebe o mundo envolto na nova ordem, nas novas interações sociais.

Em seus contos e romances a terra figura como a mãe e protetora de todos que dela precisam. Temos um chão destruído pelas guerras, chão que é sagrado, pois irá guardar os mortos, terra que guarda os silêncios desses povos que seguem sem rumo num território imerso em tantas culturas, tantos modos de ser.

Os narradores conhecem a tradição e dele podem falar com a autoridade que lhes é inerente. A oralidade é elemento fundamental para absorção das histórias e maior verossimilhança dos fatos e do valor cultural que é impresso nas narrativas de Mia Couto. Vejamos o que defende Maria Nazareth Soares Fonseca:

Na obra ficcional e poética, Mia Couto problematiza essas questões, na insistência da tematização do ato de escrever, na construção das personagens que transitam entre os espaços da oralidade e da escrita, que se utilizam da escrita para possibilitar o conhecimento do leitor sobre a diversidade cultural moçambicana e na representação intelectual deste lugar, isto é desse entre-lugar de fronteira, é que a enunciação do escritor africano assume a tensão colocada no texto de Coetzee. Da margem, criando condições enunciativas para a voz daqueles “ margem”, os africanos, mas também os que na África são marginalizados, Mia Couto produz uma escrita expandida que consegue abraçar as falas de outros espaços marginalizados do mundo. (FONSECA, 2008, p.16).

Seguindo essa compreensão, nos defrontamos com personagens que trazem essa marca das histórias do povo moçambicano, das suas falas, da oralidade e tradição.

Na obra *O outro pé da sereia* (2006), temos a personagem Mwadia Malunga, que ao fazer sua travessia, desde Vila Longe até Antigamente retrata os modos de atuar com os seus, a família, o marido e também com o estrangeiro Benjamin Shoutman, marcando essa forte relação de várias identidades e modos de ser africano, à medida que além de atuar em sua cultura, passa também a conviver e atuar no cultural do outro. O baú dos manuscritos da Expedição de D. Gonçalo da Silveira em 1560, encontrado por Mwadia Malunga será esse momento de convivência das culturas oral e escrita. As travessias, os jogos das identidades, os períodos colonial e pós-colonial, a condição feminina na sociedade moçambicana, a religiosidade portuguesa e a tradição moçambicana são temas desse romance.

Mediados pela palavra, os personagens mostram esses espaços sociais em que a oralidade se manterá e determinará os papéis sociais. Mwadia Malunga é esse misto de pessoa que mesmo recebendo educação numa instituição religiosa católica, manterá muito da sua cultura, pois é verificável que não só encontra-se procurando um espaço para a imagem católica, mas também um espaço em que ela possa vivenciar sua cultura e seus dons:

Lázaro segurou as mãos de Mwadia, abençoando a virgem e dando-lhe as devidas instruções;

— *O barco está lá, na curva do rio. Lá dentro está o remo.*

— *E, depois, onde guardo a canoa?*

— *Não se preocupe, ela vem sozinha de volta.*

Mwadia sorriu, sem esconder alguma desconfiança. O curandeiro enrugou a voz, realçando em tom de desagrado.

— *Você está a duvidar, comadre?*

— *Deixe Lázaro, Não me dê importância.*

- *Há muito que quero dizer isto, Mwadia Malunga; Você ficou muito tempo lá no seminário, perdeu o espírito das nossas coisas, nem parece uma africana.*
- *Há muitas maneiras de ser africana.*
- *É preciso não esquecer quem somos...*
- *E quem somos, compadre Lázaro? Quem somos?*
- *Você não sabe* (COUTO, 2006, p. 46).

Na conversa dos personagens, as marcas da oralidade são perceptíveis ao tratarem dos seus costumes religiosos. Também se percebe em Mwadia Malunga esse discurso da oralidade e escrita se misturarem: "Há muitas maneiras de ser africana"!

Esse modo da personagem discutir sobre as várias maneiras de ser africana reitera o que discute Mia Couto em seus textos. Em Moçambique os aspectos da colonização portuguesa, tais como, a religião, a língua entre outros passam também a compor de forma múltipla as identidades e as culturas que fazem esse povo de tantos trânsitos culturais.

Na obra *Antes de nascer o mundo* (2009) os personagens que destacamos são Silvestre Vitalício e Mwanito. Ambos convivem também com a modernidade e a tradição em solo africano. Pai e filho, numa relação de dor, saudades inconfessáveis e memórias silenciadas vão inaugurando um novo espaço político e social: Jerusalém. Nesse espaço, os domínios da oralidade se expandem nas falas do Silvestre e também na sua recusa de um mundo que lhe remeta a dor e ao sofrimento. Interessante à forma como Mwanito se refere ao pai e a paisagem-mundo descrita por ele:

Meu velho, Silvestre Vitalício, nos explicara que o mundo terminara e nós éramos os últimos sobreviventes. Depois do horizonte, figuravam apenas territórios sem vida que ele vagamente designava por Lado-de-Lá. Em poucas palavras, o inteiro planeta se resumia assim; despido de gente, sem estradas e sem pegada de bicho. Nessas longínquas paragens, até as almas penadas já haviam sido extintas (COUTO, 2009, p. 11).

São momentos como esses do romance que demonstram a familiaridade de Mia Couto com as histórias de seu país e também com o jeito de narrar, como um contador de histórias numa noite ao redor de uma fogueira eterniza as várias faces de seu povo. Destaca um mundo sem ninguém, escasso de gente, se reconstruindo como uma natureza ferida.

A literatura que fala de um povo sofrido, que expõe a chaga aberta pelos ditames coloniais, pela usura e apropriação do território e das mentes. Essa literatura cumpre seu papel social. Esse caos nas nações pós-coloniais persiste em razão de muitas ordens políticas e sociais, comportamentos a serem combatidos, tais como o neocolonialismo, filantropia barata, olhar ocidental hegeliano por vezes disfarçado de discursos humanitários, mas que ainda trazem a marca da subalternização.

Assim, refletamos que:

Retenhamos a imagem de Moçambique que se desprende dos encadeamentos temáticos dos textos. Mostra-nos ela um mundo fragmentado pelas guerras étnicas, colonial e civil pós-independência, por pragas, por doenças hereditárias, pela violência do processo de aculturação, pelo embate entre os valores da cultura tradicional africana e aqueles que a sociedade moderna deve adquirir pela sujeição a novas práticas religiosas, pela assimilação linguística e cultural. Por outro lado; mostra-nos também, e ao mesmo tempo, um mundo erguido por uma imensa aspiração à harmonia nos modos de viver e ser (MOREIRA, 2005, p.18-19).

Nos contos essas questões são apresentadas e bem trabalhadas. Retratar o cotidiano das vilas, aldeias e cidades assegura a literatura de Mia Couto esse espaço onde os textos mesclam elementos da oralidade, tais como: os costumes, a religião da terra, os eventos da comunidade, a família patriarcal, a presença da mulher por vezes emudecida pelo discurso masculino, mas que também se insurge em vista de outros comportamentos que já fazem a Moçambique de hoje, em tensão e conflito com a cultura escrita, remetendo sempre que o autor mesmo na língua que impôs costumes e ordens culturais, ele, Mia Couto, traz a beleza e o valor da oralidade em cores e na magia dos costumes, do cotidiano e modos de ser africano, dessa forma a escrita não determinará a oralidade, mas alimenta-se dela, é na oralidade que a escrita vai buscar os motivos para se fazer representar socialmente.

José de Sousa Lopes assegura o que discutimos e acrescenta:

Uma das características mais marcantes desta comunidade chamada Moçambique é a de ela possuir traços extremamente fortes de oralidade, que parecem configurar uma cultura essencialmente acústica. Designo por cultura acústica a cultura que tem no ouvido, e não na vista, seu órgão de recepção e percepção por excelência. (LOPES, 2003, p.265-266).

Tantos caminhos são destacados ao longo de suas narrativas. Mia Couto ao traçar tais “itinerâncias” sabe quais falas, que motivos e aportes culturais irão tomar visibilidades na cena de seu país e conseqüentemente na sua literatura. É certo que toda literatura só poderá surgir com bases na oralidade e nos costumes do povo que a mesma descreve. Esse traço nos textos de Mia Couto é reforçado à medida que sua literatura narra a sua nação.

O conto: “O embondeiro que sonhava pássaros”, de *Cada Homem é uma raça: histórias* (1998) retrata um natural da terra, em relação com um menino filho de colonos. O passarinho ao entrar a Vila dos brancos com seus piões, seu pássaro acaba encantando o garoto. Tal comportamento é reprimido pela polícia e pelos colonos que não desejam esse tipo de contato:

Por trás das cortinas, os colonos reprovavam aqueles abusos. Ensinavam suspeitas aos seus pequenos filhos — aquele preto quem

era? Alguém conhecia recomendações dele? Quem autorizara aqueles pés descalços a sujarem o bairro? Não, não e não. O negro que voltasse ao seu devido lugar. Contudo, os pássaros tão encantantes que são — insistiam os meninos. Os pais se agravam (COUTO, 1998, p.64).

O conto retrata essa situação de racismo, subalternização daqueles que donos do território acabam reféns do colonialismo e suas práticas excludentes. Durante a narrativa vários elementos da cultura moçambicana são descritos de forma poética em contraste com a crueldade dos colonos e do sistema que eles representam.

O autor em questão sendo um moçambicano que vivenciou o processo de libertação de seu país toma na escrita esse narrar que denuncia as práticas de segregação e subalternização dos indivíduos seja pela cor ou pelo espaço social que transita. A morte do passarinho e do menino filho de colonos emana o discurso das humanidades que se cruzam, dos destinos traçados em solo e sol de África. O embondeiro ao incendiar-se une a criança e o homem, a cultura, ou cultura não os separou, mas os uniu. As flores e a casca do embondeiro, incensos que anunciam um mundo melhor, longe dos totalitarismos e crueldades.

Sobre o espaço em que Mia Couto ambienta suas narrativas, Rosilda Alves Bezerra alude:

Mia Couto nasceu em Beira, nas margens do Índico, numa cidade onde todo homem tem a impressão de não se encontrar em lugar nenhum, na visão do próprio autor. Lugar de passagem e pouso durante as longas travessias, toda a costa moçambicana sempre foi um entrecruzar de civilizações. Ilhas, muitas ilhas, e portos que, primeiro, foram ocupados pelos naturais do lugar, que nunca foram poucos e sempre carregaram entre si históricas dissenções (BEZERRA, 2007, p. 31).

É nesse espaço de tantos trânsitos, passagens e “itinerâncias” que Mia Couto se inscreve enquanto autor e cidadão moçambicano. Sua narrativa não poderia deixar de trazer, elucidar os quadros de dor e também de esperança.

Essa literatura de recorte pós-colonial, que de forma tão elucidativa traz as histórias de Moçambique aponta para quadros de esperança. Um país que sofreu anos de colonização e guerra civil vem através da literatura dar voz aos mais fracos, escutando aquele que nem sempre é centro, que ocupa as margens da história, mas que pensa, discute e olha o horizonte, a humanidade numa perspectiva de um mundo mais humano, justo em que os homens possam se olhar sem o medo, o ressentimento e a angústia de que uma nação escolhida e dita soberana colonize territórios e mentes cerceando homens e vontades.

Considerações Finais

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas por inúmeros narradores anônimos. Entre estes, existem dois grupos, que se interpenetram de múltiplas maneiras. A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes esses dois grupos, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente a vida sua vida sem sai do seu país e que conhece suas histórias e tradições. (BENJAMIN, 1994, P.198-199)

Ao tratar da literatura de Mia Couto observamos os caminhos da oralidade e da escrita determinando sua obra. Fica clara a importância da tradição para que se estabeleçam de forma coerente os temas, personagens, espaço e situações nas construções da literatura desse moçambicano.

Não seria propriamente uma novidade a literatura se pautar na oralidade e nos costumes para depois tomar forma na escrita a realização literária. Isso ocorre em todas as literaturas, pois não há texto literário coerente que não estabeleça contatos com a realidade e não vá beber na fonte do povo, na oralidade. Assim, a literatura de Mia Couto recolhe os cheiros, sabores e modos de África/Áfricas:

A escrita coutiana nos afirma que no espaço das identidades africanas, não basta ouvir os ancestrais, mas é preciso continuar ouvindo a linguagem dos tambores e de todo o seu imaginário, pois são estes, que muitas vezes, melhor nos conduzem às imagens culturais para além daquelas que foram impostas, como únicas, pela tradição ocidental (TOSTES, 2007, p.41).

O que apresentamos como discussão é que esse fato na Literatura africana de língua portuguesa, em especial recorte na ficção de Mia Couto, é reforçado e acentuado, por considerar as histórias de sua gente, de seu país o mote maior de sua composição. Assim, a natureza, os rios, florestas, os animais, a noite, os ventos, as chuvas e o homem compõem suas narrativas. A tradição dialoga com o que a crítica chama de modernidade, esse diálogo tenso, conflituoso traduz uma Moçambique em busca de afirmação e reestruturação política e sociocultural.

Referências:

- AFONSO, Maria Fernanda. **O conto moçambicano**. Escritas pós-coloniais. Col. Estudos Africanos. Editorial Caminho. S/A, Lisboa, 2004.
- ABDALA JUNIOR, Benjamim. O ensino das literaturas de língua portuguesa. IN: **De vãos e Ilhas, literatura e comunitarismos**. (org.) Abdala Junior, Benjamim. 2ª. Ed, São Paulo, Ateliê Editorial, 2007.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BEZERRA, Rosilda Alves. **Por uma cidadania cultural moçambicana: A África pós-colonial em um Rio chamado tempo e uma Casa chamada terra**, de Mia Couto. In: Mosaico de Culturas: Identidade e Representações nas literaturas de Língua Portuguesa. Natal: Philia Editora, 2007.
- BARROS, Manoel. **Memórias inventadas: as infâncias de Manoel de Barros**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.
- COUTO, Mia. **Antes de Nascer o Mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- COUTO, Mia. **O outro Pé da Sereia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- COUTO, Mia. **Cada Homem é uma raça. (Estórias)** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- CHAVES, Rita: Apêndice do livro: **Contos africanos dos países de língua portuguesa**. Seleção e organização Rita Chaves. 1ª. Ed. São Paulo: Ática, 2010
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Mia Couto: Espaços Ficcionalis**/Maria Nazareth da Fonseca Soares, Maria Zilda Ferreira Cury. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- LOPES, José de Sousa Miguel. Cultura acústica e cultura letrada: o sinuoso percurso da literatura em Moçambique. In: **Contatos e Ressonâncias: Literaturas Africanas de Língua Portuguesa**. Leão, Ângela Vaz (org.). Belo Horizonte: PUC, Minas, 2003
- TOSTES, Paulo Roberto Machado. **Entre Margens; O Espaço e o Tempo na escrita de Mia Couto**. Tese de mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2007.